

“A BAGACEIRA — Uma Estética da Sociologia”

Nelly Novaes Coelho

Sumamente grata pela feliz oportunidade que me foi dada neste IV Congresso de Crítica Literária, de ser debatedora de minha dinâmica colega, Profa. Elizabeth Marinheiro, cumpre-me dizer, de início, que não pretendo, aqui, entrar em nenhum debate. E isso porque a natureza do estudo desenvolvido pela autora não o permite, a não ser que refutássemos ou puséssemos em dúvida o suporte teórico por ela utilizado (as posições de Holand Barthes e André Jolles). O que, evidente, não se justificaria, pois ambas as perspectivas de leitura justificam-se plenamente, tendo-se em vista o objetivo proposto pela conferencista, ao escolher o romance de José Américo de Almeida, *A BAGACEIRA*, como matéria de sua pesquisa. Objetivo que, como ela mesma esclareceu, no início de sua exposição, visou compreender a obra escolhida, não como um simples enunciado romanesco (embora importante no domínio do nosso romance regionalista de 30), mas como um discurso narrativo organicamente estruturado em vários níveis: o nível das *funções* (no sentido que essa palavra tem em Propp), o das ações (greimas) e o da *narração* (Todorov).

E como acabamos de ver e ouvir, — seja pela demonstração do “quadro” onde a Professora Elizabeth sintetizou graficamente e de maneira exaustiva os componentes da complexa estrutura narrativa do romance em questão, — seja pela clareza e objetividade de sua exposição, alicerçada em rigorosa base epistemológica, não nos fica margem alguma para discordâncias em face dos resultados obtidos.

Ressaltamos apenas que, a nosso ver, a excelência de sua análise morfológica ou melhor, de sua leitura crítico-descritiva, deveu-se

principalmente à feliz junção dos dois enfoques teóricos escolhidos: o que se limita à “forma” do texto-em-si (Propp, Greimas, Todorov, Barthes...) e o que investiga determinada “forma” em suas ligações com formas antecessoras no tempo e no espaço (André Jolles e suas “formas simples” como legendas, sagas, provérbios, etc.). Assim é que tivemos na exposição que acaba de ser feita pela Autora, não só a orgânica interna que entrelaça as várias unidades e sub-unidades narrativas de A BAGACEIRA (— funções cardinais, catálises, índices, informações...), como também a confluência, nesse romance, das duas vertentes que se cruzam em seu espaço textual: o discurso mítico (— a linguagem poética espontânea, natural, criada pela coletividade anônima e que arraiga nas forças autênticas do meio em que surge) e o discurso artístico (— linguagem individual, literária, conscientemente elaborada como arte).

Adotando essa linha de pesquisa sugerida por A. Jolles, a Autora faz aflorar à superfície do texto de A BAGACEIRA, a matéria lingüística viva que lhe serve de húmus e que o romancista paraibano havia incorporado em sua linguagem literária individualizada, mostrando-se assim um autêntico continuador do processo evolutivo da literatura brasileira.

Antes, porém, de concluir nossa resenha do excelente estudo apresentado pela Professora Elizabeth permitimo-nos sugerir-lhe uma outra perspectiva de leitura, no que se refere a uma possível (ou impossível) classificação histórico-literária do autor em foco.

Como ficou claro em sua exposição, há uma discordância flagrante entre os teorizadores e críticas, no sentido de que uns apontam José Américo de Almeida como “modernista” (que sob o influxo do Modernismo paulista de 22 teria inovado o romance regionalista), e outros o dizem um regionalista ligado à tradição embora ampliando-a.

A nosso ver, pela mera leitura comparativa entre A BAGACEIRA e certas obras que marcaram os primeiros vinte anos deste século, e também levando em consideração que o pensamento positivista era o que dominou nosso cenário intelectual oficial até os anos 30, cremos que será fácil compreender José Américo como um escritor “fronteiriço”, — um escritor onde convergiram influxos de duas épocas, — do século XIX que findava e do século XX que surgia.

De um lado, formado pelas idéias positivas (— valorização do momento, meio e raça para a compreensão do homem e de sua obra), naturalmente atingido pelo magistério de Sílvio Romero, influenciado pela linguagem exuberante, eloquente e sensual da prosa narrativa de fins do século e que perdura entre nós até a eclosão de 22 (cf. Euclides da Cunha, Coelho Neto...), e aceitando a idéia tradicional de ro-

mance (— narração de uma situação dramática em que o humano e as paixões estão em jogo — cf. Coelho Neto), José Américo dá continuidade à Tradição.

De outro lado, obviamente alertado pelos novos tempos em que a Justiça Social se fazia impor revolucionariamente (cf. Revolução Comunista de 1917 e consequências...) e alertado também pelo “sentimento da terra” que, entre nós, apontava para a necessidade de se atingir a verdade nacional (— descobrir o Brasil autêntico, diversificado em suas várias e distantes regiões, conforme os exemplos dados por Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Simões Lopes Neto e principalmente Monteiro Lobato com URUPÊS—1918), José Américo se mostra inovador e consegue imprimir em *A BAGACEIRA* uma tônica diferente: introduz o trágico onde antes só havia o realismo fotográfico e típico e torna-se um **marco** (não propriamente o iniciador ou o modelo) dos novos caminhos que, dos anos 30 em diante, se abrem para o nosso romance. Caminhos que não só descobrem o Brasil para os próprios brasileiros, como também descobrem a nova linguagem narrativa que o neo-realismo norte-americano (influenciando pela técnica cinematográfica) oferecia como urgente inovação à literatura ocidental.

Acreditamos que esse hibridismo de influências explicaria bem a natureza da obra de José Américo. Falta a pesquisa que o confirme e esta é a sugestão que aqui deixo como proposta de ampliação da análise de *A BAGACEIRA* que você, Elizabeth, conduziu até aqui com tanto inteligência, rigor e sensibilidade.

É o que eu tenho a dizer.

Muito grata pela atenção de todos.